

DOI: 10.20911/21799024v16n2p117/2025

Niceia: entre o poder e a fé – o concílio que moldou a Igreja e desafia o mundo hoje

Between Power and Faith – The Council that Shaped the Church and Challenges the World Today

Marcelo Mendes Miranda¹

RESUMO: O artigo propõe uma releitura teológica e histórica do Concílio de Niceia (325), por ocasião dos seus 1700 anos, ressaltando a atualidade do Credo niceno diante das crises contemporâneas de verdade, fé e identidade. A partir da historiografia crítica de Henryk Pietras SJ e da teologia de Joseph Ratzinger, analisa os desdobramentos doutrinários, eclesiais e espirituais do concílio, enfatizando a centralidade do *homoousios*. Em diálogo com autores como Charles Taylor e Byung-Chul Han, o artigo interpreta o Credo como linguagem contracultural e ato de vigor espiritual. Longe de ser uma fórmula estática, ele é apresentado como oração viva, critério de discernimento e força missionária para a Igreja. Celebrar Niceia, portanto, é comprometer-se com a verdade que salva e testemunhá-la com fidelidade no tempo presente.

PALAVRAS-CHAVE: Concílio de Niceia. Credo niceno. *Homoousios*. Verdade e subjetividade. fé cristã. Igreja. Missão.

1 Mestrando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Presbítero da Arquidiocese de Diamantina.

ABSTRACT: This article proposes a theological and historical reinterpretation of the Council of Nicaea (325), on the occasion of its 1700th anniversary, highlighting the relevance of the Nicene Creed in the face of contemporary crises of truth, faith, and identity. Based on the critical historiography of Henryk Pietras SJ and the theology of Joseph Ratzinger, it analyzes the doctrinal, ecclesial, and spiritual developments of the council, emphasizing the centrality of homoousios. In dialogue with authors such as Charles Taylor and Byung-Chul Han, the article interprets the Creed as a countercultural language and an act of spiritual vigor. Far from being a static formula, it is presented as a living prayer, a criterion for discernment, and a missionary force for the Church. To celebrate Nicaea, therefore, is to commit oneself to the truth that saves and to witness to it faithfully in the present time.

KEYWORDS: Council of Nicaea. Nicene Creed. Homoousios. Truth and subjectivity. Christian faith. Church. Mission.

Introdução: Niceia diante da crise

Em 2025 celebram-se os 1700 anos do Concílio de Niceia, o primeiro concílio ecumênico da história da Igreja². Convocado por Constantino em 325, ele teve como objetivo enfrentar a crise provocada pelo arianismo, que negava a plena divindade do Filho. A resposta da Igreja, amadurecida em oração, debate e escuta mútua, foi a proclamação do Credo de Niceia, cujo centro é a afirmação de que o Filho é "Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai"³.

Hoje, num contexto completamente diferente, mas igualmente atravessado por crises, o Credo de Niceia se apresenta como um farol. A sociedade atual vive um esvaziamento de sentido, uma perda de referências comuns, uma crise da linguagem da verdade. O relativismo, o subjetivismo e o pragmatismo enfraqueceram o valor público e comunitário da fé. Confessar a fé cristã torna-se, uma vez mais, um ato contracultural.

Este artigo deseja explorar essa tensão entre a história e a atualidade, entre a definição e o conflito, refletindo como o Concílio de Niceia continua a provocar e iluminar a fé da Igreja.

2 O Concílio de Niceia foi o primeiro concílio dito "Ecumênico", porque, pela primeira vez, foram convidados os bispos de toda a *Oikoumenē*. Suas decisões pretendiam, portanto, ser ecumênicas, ou seja, de âmbito universal. E, como tal, foram recebidas pelos cristãos e pela tradição cristã, no decurso de um longo e laborioso processo (CTI, 2025, n 3).

3 Cremos em um só Deus, Pai onipotente, artífice de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai, por meio do qual vieram a ser todas as coisas, tanto no céu como na terra; o qual, por causa de nós homens e da nossa salvação, desceu e se encarnou, se humanou, padeceu, e ressuscitou ao terceiro dia, [e] subiu aos céus, havendo de vir julgar os vivos e os mortos; e no Espírito Santo (DH, 125).

1. Niceia em seu contexto: definição dogmática e ambiguidades históricas

O Concílio de Niceia, acontecido em 325, é, sem dúvida, um dos marcos fundamentais na história da fé cristã. Contudo, como nos alerta o teólogo jesuíta Henryk Pietras, sua recepção e autoridade não foram imediatas nem uniformes. Em sua obra *Il Concilio di Nicea nel suo contesto*, Pietras sublinha que o Concílio não deve ser lido como um acontecimento fechado, dotado de eficácia automática, mas como o início de um processo eclesial, doutrinal e político de longa duração, cujos frutos amadureceriam apenas com o tempo. Assim, conclui que: “Niceia foi um ponto de partida, não de chegada. A ortodoxia que hoje associamos ao Concílio foi construída a posteriori, em meio a disputas, exílios e resistências⁴” (PIETRAS, 2005, p. 27).

Mas para além da leitura histórica, é preciso reconhecer a dimensão espiritual do Concílio. Como ensina o Catecismo da Igreja Católica, “os concílios são a expressão suprema da autoridade colegial, sob a ação do Espírito Santo” (CIC, § 884). Desse modo, apesar das ambiguidades e fraquezas humanas, o Concílio de Niceia foi, sobretudo, um ato de obediência da Igreja ao Espírito Santo, que conduzia a comunidade a toda verdade (cf. Jo 16, 13).

A fórmula “*homoousios*” (consubstancial), adotada em Niceia para afirmar a plena divindade do Filho, era então um termo novo no vocabulário eclesial, sem tradição anterior. Muitos dos bispos presentes o aceitaram com reservas, por pressão política. Eusébio de Cesareia, por exemplo, que teve papel importante no concílio, hesitou inicialmente em aceitar o termo, explicando sua adesão posterior em uma carta interpretativa que minimizava suas implicações ontológicas. Isso revela que a adesão à fórmula não significava necessariamente plena concordância teológica (cf. PIETRAS, 2005, p. 49–51).

Todavia, como recorda São Basílio; “proclamamos a verdade com ousadia, depositando nossa esperança no auxílio do Espírito” (BASÍLIO, Tratado Sobre o Espírito Santo XXX, 79). A constância de Atanásio, exilado muitas vezes por sua fidelidade à fé de Niceia, mostra que a verdade, embora perseguida, “não pode se acorrentada” (2Tm 2,9). A definição dogmática, portanto, não brota simplesmente da vontade ou poder humano, mas do discernimento da Igreja guiada pelo Espírito.

A figura de Constantino também deve ser vista com sobriedade. Embora tenha convocado o Concílio, ele foi instrumento da Providência. Seu desejo por unidade e paz proporcionou um ambiente favorável, ainda que tenso e imperfeito, para a Igreja proclamar a verdade de sua fé. O entrelaçamento entre política e fé, entre coerção imperial e liberdade conciliar, não invalida a verdade dogmática proclamada. Antes, revela que a fé cristã é histórica, encarnada, e por isso mesmo passa por mediações e conflitos. A fé da Igreja não é pura abstração celeste, mas discernimento real no tempo. E esse discernimento se dá através

4 “Nicea non fu un punto di arrivo, ma di partenza. L’ortodossia che associamo oggi al concilio fu costruita a posteriori, in mezzo a dispute, esili e resistenze”. Tradução Nossa.

de pessoas concretas, com suas limitações, que buscam ser fiéis ao depósito da fé apostólica.

Discernimento esse que fica evidente em Hilário: “Suplico-te, ó Deus Pai, por teu Filho, que permaneçamos firmes no que foi transmitido pela pregação dos apóstolos e que evitemos o perigo de novos ensinamentos, porque nem sempre o nosso coração é fiel, e a nossa inteligência é fraca e limitada” (HILÁRIO DE POITIERS, Tratado Sobre a Santíssima Trindade I, 19).

Em meio a essas ambiguidades e na fidelidade à fé apostólica, o Concílio de Niceia representa um momento de extraordinária lucidez teológica. Afirmar que o Filho é consubstancial ao Pai é declarar que a salvação que recebemos em Cristo é realizada pelo próprio Deus, e não por um ser intermediário.

Em Jesus, homoousios do Pai, o próprio Deus vem nos salvar; o próprio Deus ligou-se à humanidade para sempre, a fim de realizar a nossa vocação de seres humanos. Como Filho monogênico, ele conforma-nos a si próprio como filhos e filhas amados do Pai, através da força vivificante do Espírito Santo (CTI, 2025, n. 121).

Em suma, conhecer o contexto de Niceia - suas disputas, ambivalências e decisões - não relativiza sua importância, mas revela uma Igreja que, com seus limites, se deixou conduzir pelo Espírito da verdade. A autoridade de Niceia não nasceu pronta, mas foi sendo reconhecida pela Tradição viva da Igreja, pelo testemunho dos santos e pela fidelidade ao Evangelho no curso dos séculos. E é justamente por isso que sua mensagem permanece atual.

2. Credo: um ato contracultural

O Credo niceno, nascido no calor das controvérsias teológicas do século IV e do desejo de paz e unidade por parte do Imperador, permanece uma das expressões mais densas e ousadas da fé cristã. Longe de ser apenas uma recitação dominical ou um vestígio litúrgico, ele é uma confissão pública de adesão a uma verdade que transforma a existência⁵. No contexto do Concílio de Niceia, professar que o Filho é “consubstancial ao Pai” era uma afirmação que confrontava tanto as heresias teológicas quanto os interesses políticos e sociais da época.

Confessar o Credo era, portanto, um gesto de fidelidade que exigia coragem. Muitos bispos que defenderam a fórmula nicena foram posteriormente exilados. Santo Atanásio, por exemplo, tornou-se símbolo dessa resistência: exilado cinco vezes, permaneceu firme na defesa da plena divindade do Filho. Em suas obras, como *Contra os arianos*, argumenta que se o Filho não é verdadeiro Deus, então também não é verdadeiro Salvador (cf. ATANÁSIO, *Contra Arianos*, I, 15). Crer no Filho como Deus era, assim, uma exigência soteriológica, não um detalhe semântico como sugeria Constantino (cf. PIETRAS, 2005, p. 36).

5 “Quem diz “creio” diz “dou minha adesão àquilo que nós cremos”. A comunhão na fé precisa de uma linguagem comum da fé, normativa para todos e que una na mesma confissão de fé” (CIC §185).

O Credo não é apenas declaração doutrinal, é ato litúrgico que nos incorpora à Igreja de todos os tempos e lugares. Quando o rezamos, unimo-nos aos mártires, doutores e santos que o professaram com o sangue, como fez Aquele do qual o Credo é símbolo. Desse modo, podemos fazer coro com Santo Irineu; que a regra da fé é a coluna e o fundamento da nossa vida (cf. IRINEU, *Contra as Heresias*, I,10). Hoje, em uma sociedade que idolatra a autenticidade subjetiva, a profissão fé de Niceia é revolução silenciosa, isto é, adesão a uma Verdade que nos precede e nos convoca à comunhão. Na liturgia, ela é *sacramentum fidei* – sinal visível da unidade invisível (cf. SC, 59). Professar a fé é deixar-se transformar pela Palavra, como Maria, que “guardava todas as coisas no seu coração” (Lc 2,19).

Trata-se de uma fé que não é apenas privada, mas pública e comunitária. Como afirmava Bento XVI: “Seremos uma só alma e um só coração, e a nossa fé será tal que não será apenas uma opinião, mas uma certeza que brota do encontro com Cristo.” (BENTO XVI, 2005). O Credo une gerações de crentes, atravessa culturas e tempos, formando um só corpo. Sua recitação na liturgia é sinal de unidade eclesial e de continuidade apostólica.

Em tempos de “espiritualidades líquidas”, redescobrir o Credo é tarefa urgente, sobretudo, para a catequese. Como ensina o *Diretório para a Catequese*, “a ação catequético – iniciática está ao serviço da profissão de fé” (DpC, n. 34) uma vez que, o Símbolo da fé é o coração da iniciação cristã. Ao invés de decorar fórmulas, os fiéis devem “saborear” o Credo, através de uma mistagogia, que conduz à verdade de cada artigo professado.

Além disso, o Credo forma uma espiritualidade da perseverança evangélica. Dizer “Creio” é dizer que minha vida se ancora em uma realidade que transcende a imediatez, o mundo e o tempo. É reconhecer que a salvação não vem da técnica, do poder ou da ideologia, mas da encarnação de Deus em Jesus Cristo. Em tempos de fragmentação, de crise de sentido e de perda da dimensão simbólica, aliás o tempo presente parece passar por uma certa indigência simbólica, o Credo é uma palavra de peso, um eixo que sustenta.

No plano existencial, o Credo é também uma entrega. Não é apenas uma lista de proposições doutrinárias abstratas que se deve acolher cegamente, mas a expressão de uma confiança radical. Dizer “Creio em Deus Pai”, é confiar na bondade originária do ser. Dizer “Creio em Jesus Cristo”, é acolher a vulnerabilidade de Deus que se faz carne. Dizer “Creio no Espírito Santo”, é abrir-se ao dinamismo da comunhão e da missão.

Como exorta o Catecismo, “o Símbolo da fé é o tesouro da nossa alma. Guardemo-lo com fidelidade!” (CIC, §197). Esta exortação recorda que o Credo não é apenas uma fórmula doutrinal a ser repetida, mas uma profissão viva que nos enraíza na verdade revelada e nos introduz no mistério da comunhão com Deus e com os irmãos. Nas famílias, nas comunidades e nos espaços de formação cristã, o Símbolo da fé pode e deve tornar-se uma fonte permanente de identidade e de renovação espiritual.

E quando transmitido com profundidade e testemunhado com coerência, ele fortalece a unidade da Igreja, nutre a vida espiritual dos fiéis e inspira o discernimento diante dos desafios contemporâneos. Recolhendo o núcleo essencial da fé apostólica, o Credo serve como um “fio de ouro” que atravessa os séculos e une a experiência crente de todas as gerações.

Assim, o Credo niceno, longe de ser uma relíquia, é uma chama de esperança que desafia. Em tempos de liquidez, ele nos recorda que há uma rocha. Em tempos de confusão, ele nos oferece clareza. Em tempos de dispersão, ele nos congrega. Confessá-lo é mais do que repetir fórmulas: é entrar no coração da fé e deixar-se moldar por ela.

3. Fé e verdade na era da subjetividade

Vivemos em uma era em que a noção de verdade objetiva está cada vez mais obscurecida. A cultura contemporânea, marcada pelo individualismo expressivo e pelo pluralismo radical, tende a relativizar qualquer pretensão de verdade universal. Charles Taylor descreve a modernidade como “era da autenticidade”, onde a fé se reduz a “busca interior”, e a religião se transforma em expressão subjetiva do eu (cf. TAYLOR, 2010, p. 495-592). Mas o cristianismo proclama que a verdade não é uma “narrativa pessoal”, mas uma pessoa: Jesus Cristo (cf. Jo 14,6).

Nesse cenário, a fé corre o risco de se tornar um ato puramente interior, desprovido de vinculação objetiva com a realidade e com a comunidade crente. O fenômeno da espiritualidade sem religião é expressão desse deslocamento. Ao invés de adesão a uma verdade revelada, comunicada por Deus e mediada pela Igreja, temos construções simbólicas individuais que pouco dialogam com a tradição cristã. A esse perigo, Francisco chama de “mundanismo Espiritual” (EG, n. 93-97), um dos maiores inimigos da fé autêntica.

Byung-Chul Han, ao analisar a sociedade atual, denuncia a fragmentação da linguagem e o enfraquecimento da autoridade simbólica. Para ele, vivemos na “sociedade da transparência”, onde o excesso de informação e opinião gera um colapso do sentido profundo. “Transparência e verdade não são idênticos. A verdade é uma negatividade na medida em que se impõe, declarando tudo o mais como falso. Mais informação ou um acúmulo de informações, por si só, não produzem qualquer verdade; faltam-lhes direção, saber e sentido” (HAN, 2017, p. 24-25). A verdade exige tempo e espessura; o imediatismo da exposição contínua esvazia o conteúdo, perde sentido. Nesse horizonte, o Credo aparece como uma linguagem resistente, carregada de densidade histórica e existencial.

Como alertava Ratzinger, “o relativismo é a ditadura do provisório” (RATZINGER, 2005). O Credo, portanto, é *kerygma*: é o anúncio de que Deus entrou na história e a resgatou, não uma ideia religiosa entre outras, mas a revelação definitiva do sentido da existência. Professar o *homoousius* é rejeitar o politeísmo pós-moderno, onde cada um fabrica seus “deuses” e adorar o Deus que é Amor (Jo 4,8).

A fé cristã não é uma ideia, ela é vida; ela não é um espírito que existe para si mesmo, ela é encarnação, é espírito no corpo da história e do nós que está implícita nela. Ela não é mística da autoidentificação do espírito com Deus, e sim obediência e serviço: autossuperação e libertação do "eu" justamente porque este se vê colocado a serviço daquilo que não foi feito nem pensado por ele; libertação que consiste em ser posto a serviço do todo (RATZINGER, 2005, p. 73).

Além disso, o Credo é performativo: ele não apenas informa, mas forma. Ele molda a linguagem, o pensamento, o agir. Dizer "Creio" em comunidade é reconhecer que a fé é recebida, vivida e transmitida. Como afirma a Carta encíclica *Lumen Fidei*: "A fé não é um refúgio para pessoas sem coragem, mas a dilatação da vida" (LF, n. 53). Ela amplia a visão, integra o sentido e orienta a existência.

Na catequese e na liturgia, o Credo deve ser apresentado não como uma imposição doutrinária, mas como um convite à liberdade da verdade. A recitação do Símbolo é um gesto eclesial que nos insere em uma história de fé que nos precede e nos supera. É uma resposta de comunhão a um dom que nos excede. A esse propósito ensinam Bento XVI e São João Paulo II: "A porta da fé [...] introduz na vida de comunhão com Deus e permite a entrada na sua Igreja. [...] Professar a fé na Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – equivale a crer num só Deus que é Amor" (PF, n. 1) e assim, a liberdade, fecundada pela verdade, não é escrava de ninguém. A verdade não oprime, mas liberta: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" (Jo 8,32) (cf. VS, n. 87).

Portanto, recuperar a centralidade do Credo em tempos de subjetividade dissolvente é um gesto profético. É proclamar que, apesar da multiplicidade de vozes, há uma Palavra que permanece. É afirmar que, no coração da confusão, existe uma luz. E que essa luz tem um nome: Jesus Cristo, *homoousios* ao Pai e a cada ser humano (cf. CTI, 2025, n. 36;123).

4. Niceia e a missão da Igreja no presente

O Concílio de Niceia não foi apenas um evento teológico; foi também um evento eclesial, político e espiritual. Sua convocação por Constantino, a participação de bispos de diversas regiões do império e a definição doutrinária sobre a consubstancialidade do Filho revelam que se tratou de um momento decisivo de discernimento eclesial diante de uma crise de fé. Mas, mais do que um passado remoto, Niceia permanece um paradigma da missão da Igreja no presente: anunciar a verdade do Evangelho com clareza, em comunhão, e com coragem pastoral. Isto é,

levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos. É a pregação informal que se pode realizar durante uma conversa, e é também a que realiza um missionário quando visita um lar. Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho (EG, n. 127).

Hoje, em um mundo marcado pela polarização, pelo esvaziamento da linguagem e pela secularização crescente, a Igreja é chamada a viver um novo concílio interior: ouvir de novo a Palavra, discernir a verdade revelada e professá-la com fidelidade e criatividade. O processo sinodal atual ecoa Niceia não apenas no debate, mas no discernimento. Como os bispos em 325 buscaram “o parecer do Espírito” (At 15, 28), a Igreja deve evitar dois extremos: o paralisante medo do conflito e o sincretismo doutrinal. Sempre aberta ao que esse mesmo Espírito tem a dizer à Igreja (cf. Ap 2, 11)).

Niceia ensina que a fé não foge do embate político, mas o transfigura. Constantino, apesar de seus interesses, foi instrumento da Providência divina. Hoje, a Igreja é chamada a ser “perita em humanidade” (PAULO VI, ONU, 1965), denunciando ideologias que reduzem o ser humano a mero consumidor e depois, “refugio humano”, nas palavras de Bauman (BAUMAN, 2005, p 34). O *homoousius* tem implicações sociais: se Cristo é Deus, então “a vida humana é sagrada” (GS, n. 27). Assim, a missão da Igreja inclui: defender a vida contra a cultura do descarte (cf. EG, n. 53); promover a justiça sem cair em ideologismos (cf. Dap, n. 30); e anunciar a esperança em tempos de crise (cf. 1Pd 3,15).

O Concílio de Niceia nos ensina que a verdade não é inimiga da comunhão. Ao contrário, a comunhão só se sustenta na verdade revelada. Nos debates atuais dentro da Igreja, marcados por tensões ideológicas, o exemplo de Niceia pode nos inspirar a buscar juntos a fidelidade ao Evangelho, mesmo quando isso exigir renúncia, diálogo e firmeza doutrinal. Como escreveu Bento XVI, “a unidade da fé é a unidade da Igreja” (SC, n. 62).

Também é missão da Igreja cultivar a memória dos concílios como expressão viva do Espírito Santo que guia a Igreja na história. Niceia não é um museu teológico, mas uma herança viva, que precisa ser transmitida com entusiasmo e inteligência. A formação teológica, especialmente dos leigos, deve incluir uma redescoberta do significado dos grandes concílios e da força espiritual do Credo.

Por fim, a missão eclesial é inseparável do louvor. O Credo não é apenas uma declaração de fé, mas também um hino: ele nasce da liturgia e conduz à adoração. Professar a fé em Jesus Cristo como Filho de Deus é ajoelhar-se diante do Mistério. É reconhecer que a missão da Igreja não é simplesmente “falar de Deus”, mas conduzir o mundo a um encontro transformador com Ele, Nele e por Ele.

Em tempos de dispersão e de perda de referenciais, a missão da Igreja é tornar visível, por sua vida, aquilo que professa com os lábios. Que o espírito de Niceia continue a inspirar a Igreja a ser, no presente, testemunha fiel da verdade que salva.

Conclusão: Um credo para o futuro

Celebrar os 1700 anos do Concílio de Niceia é mais do que recordar um marco dogmático. É redescobrir o sentido profundo da confissão da fé como gesto vital, existencial e eclesial. Em tempos de liquidez, confusão e busca de senti-

do, o Credo pode ser rezado não apenas como memória, mas como profecia. Ele não é um texto morto, mas uma palavra viva que gera comunhão, identidade e compromisso missionário.

A história de Niceia, com suas ambiguidades, revela uma fé que se faz carne na história, em meio a disputas, confrontos e discernimentos. Como observa Henryk Pietras, “Niceia foi uma resposta imperfeita a uma questão profunda, e justamente por isso, humana e fecunda”⁶ (PIETRAS, 2005, p. 43). A compreensão do Concílio como processo, mais do que evento conclusivo, ajuda-nos a discernir que também hoje somos parte de um caminho de recepção e atualização da fé.

Do ponto de vista teológico, a centralidade do *homoousios* continua a ser o coração da cristologia trinitária. A plena divindade do Filho não é apenas um dado doutrinal: é a certeza de que Deus entrou na história e se fez próximo. Como enfatiza Bento XVI, o centro do cristianismo não é uma ideia, mas uma Pessoa, e essa Pessoa é Deus mesmo que nos amou até o fim (cf. DCE, n. 1).

Em termos eclesiais, celebrar Niceia é um apelo à unidade na verdade. Não basta repetir fórmulas: é necessário viver, pensar, rezar e anunciar a fé nicena com fidelidade criativa. Em um mundo dividido por ideologias e interesses, o Credo é uma linguagem de reconciliação. Como nos lembra a Carta encíclica *Lumen Fidei*, a unidade da fé é a unidade de uma visão compartilhada que gera comunhão (cf. LF, n. 47).

Espiritualmente, o Credo não é um código frio, mas uma oração ardente. Ele resume a história da salvação, celebra a beleza da Trindade e nos introduz no louvor da Igreja celestial. Professar a fé é, portanto, um gesto de adoração. É entregar-se à Palavra que salva, e permitir que ela modele nossa vida.

Finalmente, do ponto de vista pastoral e formativo, é urgente recuperar o Credo como instrumento de iniciação à vida cristã. Em tempos de analfabetismo religioso e de dispersão espiritual, o Credo pode ser um caminho pedagógico para introduzir as novas gerações e fazer as mais velhas perseverarem no mistério da fé. É preciso formar corações e inteligências que saibam dizer com sentido: “Creio”.

Assim, a celebração dos 1700 anos de Niceia não é um ato de nostalgia, mas um convite à conversão e à missão. Diante dos desafios de nosso tempo, o Credo permanece como palavra que ilumina, sustenta e envia. Assim, quando dizemos com fé: “Creio”, nos colocamos diante de Deus (cf. CIC §185). E é justamente isso que o mundo espera da Igreja: que ela esteja, sempre, diante de Deus e diante dos homens, como sinal de esperança. E como sabemos, a esperança não decepciona (cf. Rm 5,5).

6 “Nicea ha dato una risposta imperfetta a una domanda profonda, e proprio per questo umana e feconda”. Tradução nossa.

Referências

- ATANÁSIO. Apología contra los arrianos. Disponível em: https://archive.org/details/san-atanasio-contra-los-arrianos_202302. Acesso em 22 jun. 2025.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.
- BENTO XVI. *Deus Caritas Est*: Carta encíclica sobre o amor cristão. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 22 jun. 2025.
- BENTO XVI. *Homilia Santa Missa imposição do pálio e entrega do anel do pescador para o início do ministério petrino do bispo de Roma*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050424_inizio-pontificato.html. Acesso em 21 jun. 2025.
- BENTO XVI. *Porta Fidei*: Carta Apostólica em forma de Motu Próprio para a proclamação do Ano da Fé. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20111011_porta-fidei.html. Acesso em: 22 jun. 2025.
- BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*: Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre a Eucaristia. Vaticano, 2007.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador* 1700º aniversário do Concílio Ecumênico de Niceia 325-2025. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_doc_20250403_1700-nicea_po.html. Acesso em 22 jun. 2025.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para a Catequese*. Brasília: Edições CNBB, 2020.
- DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2008.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013.
- FRANCISCO. *Lumen Fidei*. Carta encíclica sobre a fé. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html. Acesso em: 22 jun. 2025.
- HAN, Byung-Chul. *A sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HILÁRIO DE POITIERS. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*. São Paulo: Paulus, 2005 Coleção Patrística, vol. 22.
- JOÃO PAULO II. *Veritatis splendor*: Carta Encíclica sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-s

[plendor.html](#). Acesso em: 22 jun. 2025.

PAULO VI. *Discurso do papa Paulo VI na sede da ONU*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_united-nations.html. Acesso em: 22 jun. 2025.

PIETRAS, Henryk SJ. *Il Concilio di Nicea (325) nel suo contesto*. Milano: Paoline, 2005.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo: lições sobre o símbolo apostólico*. São Paulo: Loyola, 2005.

RATZINGER, Joseph. *Homilia santa missa «pro eligendo romano pontifice»*. Disponível em: https://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html. Acesso em: 22 jun. 2025.

TAYLOR, Charles. *A era secular*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.

ORÍGENES. *Tratado Sobre os Princípios*. São Paulo: Paulus, 2005, Coleção Patrística, vol. 30).

Artigo submetido em: 23/08/2025. **Aprovado** em: 21/11/2025.

E-mail do Autor: mendesmirandamarcelo@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0813-2477>